

**Feminismos Globais  
Estudos de caso comparados  
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

**LOCAL: BRASIL**

**Transcrição da entrevista de  
Giovana Xavier e Elizabeth do Espírito Santo Viana**

**Entrevistadora: Sueann Caulfield**

**Rio de Janeiro, Brasil  
14 de julho de 2014**

**University of Michigan  
Institute for Research on Women and Gender  
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290  
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: [um.gfp@umich.edu](mailto:um.gfp@umich.edu)  
Website: <http://www.umich.edu/~glblfem>**

© Regents of the University of Michigan, 2015

**Giovana Xavier** nasceu em 8 de abril de 1979 no bairro do Irajá, no subúrbio do Rio de Janeiro. Ela fez graduação em História na UFRJ, mestrado na UFF e doutorado na Unicamp, sempre abordando o estudo das relações de gênero, com ênfase nas experiências de mulheres negras no pós-abolição, no ensino de história das populações negras e nas articulações entre universidade, escola e movimentos sociais. Atualmente, Giovana é professora de Ensino de História na UFRJ. Como feminista negra interseccional, Giovana situa sua militância na academia, especialmente no seu trabalho com estudantes negros na universidade. Ela atualmente desenvolve o projeto "Professoras negras na primeira pessoa: histórias do pós-abolição contadas, ensinadas e silenciadas na cultura escolar", no qual ela investe nas articulações entre pesquisa ativista, escrita de si e interseccionalidade.

### **Elizabeth do Espírito Santo Viana**

Nasci em 04 de dezembro de 1954, na capital do Rio de Janeiro, Brasil, primogênita de sete filhos de Georgina do Espírito Santo Viana (1930-1978) e Oswaldo Sadock Viana (1927-2016). Logo após seu enlace matrimonial migram de Salvador, Bahia, em busca de melhores condições de vida, para a antiga capital do Brasil, Rio de Janeiro. Ele operário mecânico, ela "do lar", porém, como muitas mulheres negras, produzia e vendia quitutes baianos, contribuindo para o orçamento doméstico. Uma breve passagem pela casa de minha madrinha e tia paterna, Perolina Costa Santos, fixam-se em Nilópolis, Baixada Fluminense.

É nesta cidade que inicio, no período ditatorial, minha militância. Em meados da década de 1970, fundamos o Ação Negra de Nilópolis, com o objetivo de buscar melhoria das condições materiais e imateriais, mas, sobretudo, denunciar o mito da democracia racial brasileira. Em 1979, ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Em função de um ato racista de uma professora do IFCS, um grupo de alunos se insurgiu. Em sala de aula, ela afirmou, para os dois únicos negros da turma, que ele daria um excelente mecânico, e a aluna, uma ótima cozinheira. Em consequência dessa insurgência, fui eleita como uma dos nove representantes do corpo discente no Conselho do Instituto, durante a chamada "reabertura política", e também orientados por Lélia Gonzalez (1935 -1994), cinco estudantes fundam o Grupo Lima Barreto.

Participo ativamente da redemocratização do país ao mesmo tempo em que estudava e trabalhava como agente administrativa na Globex Utilidades S/A, Ponto Frio. Sob a liderança e coordenação de Lélia Gonzalez criamos, em 1983, o Nzinga Coletivos de Mulheres, organismo pioneiro no combate ao sexismo, racismo e desigualdades sociais. Também integrei o Movimento Negro Unificado - MNU. Há 33 anos sou Assistente Técnico Legislativo da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, onde assessoriei as vereadoras Benedita da Silva e Jurema Batista. Sou socióloga e mestre em História Comparada (UFRJ/IFCS), com a dissertação "Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento Lélia Gonzalez, 1970-1990", orientada pelo professor-doutor Flávio dos Santos Gomes e pós-graduada em

Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro–UERJ, orientada pela professora-doutora Myrian Sepulveda.

**Sueann Caulfield** é Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Michigan. Foi diretora do Center for *Latin American and Caribbean Studies* (LACS) (1999-2004) e atualmente dirige o *Brazil Initiative Social Science Cluster*. É especialista em história do Brasil contemporâneo, com ênfase em gênero e sexualidade. Ela recebeu vários prêmios e bolsas da *Fullbright Commission*, *National Endowment for the Humanities*, e *American Council of Learned Societies*. É autora de, entre outros, o livro *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, *Honor, Status and the Law in Modern Latin American History* (organizado em co-autoria com Sarah Chambers e Lara Putnam), e vários artigos sobre gênero e historiografia, e direito de família, raça e sexualidade no Brasil. Sua pesquisa atual versa sobre história da família, com particular ênfase na história da paternidade e legitimidade no Brasil do século XX. Ela é particularmente interessada no tema dos direitos humanos na América Latina, e vem participando de uma série de workshops, projetos transnacionais de ensino e intercâmbios sobre temas como justiça e ação social.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos. Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – Labhoj, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento (NUMEM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative* e *the Brazil Initiative* at the University of Michigan e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

**Sueann Caulfield: Então, estamos conversando hoje com Elizabeth Viana e Giovana Xavier, duas pessoas que militam no movimento negro especificamente com assuntos relacionados aos direitos da mulher e feminismo. Vamos falar sobre como interpretam e entendem esse conceito e o trabalho que têm feito tanto na academia, no trabalho intelectual, como trabalho da militância dentro do movimento. Então, começando com Elizabeth, gostaria de saber o que você considera as marcas mais importantes do trabalho que você fez, tanto na academia, trabalho intelectual, como trabalho na militância. Como você descreveria o tipo de trabalho que você fez e o que você tem mais orgulho, que você acha mais importante?**

Elizabeth Viana: Desculpe pela rouquidão, sexta feira começou, e está desse jeito, então eu vou tentar não forçar muito para sair cada vez mais límpida a minha fala. Primeiro um esclarecimento: assim, a minha trajetória na academia foi através dos estudos e tal, mas meu trabalho - que também, que, claro, todo trabalho leva à questão de uma certa intelectualidade, reflexão, de pensamento - foi na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Então, lá eu trabalhei, sou assistente parlamentar e por essa ótica trabalhei com a vereadora Jurema Batista, então foi um momento de elaboração muito intensa.

**SC: Em que período foi?**

EV: Foi de... Agora, de noventa e dois até dois mil, dois mil e quatro, uma longa duração. Então a gente teve oportunidade de trazer aquilo que a gente construiu fora, o pensamento sobre a questão da mulher, a questão do negro e dos direitos humanos e trabalhar para que se transformasse em leis e fazer uma abertura para que esta população adentrasse a Câmara, que ainda é um prédio imponente, as pessoas têm um certo respeito, tem gente que passa anos e anos lá na porta e nunca entrou na Câmara, saber o que um legislador... o que faz um legislador, ver um debate. Então esse foi um período muito rico porque foi de a gente tentar colocar em prática aquilo que a gente construiu na rua. Eu tenho uma trajetória na redemocratização do país e toda essa luta. A minha construção enquanto mulher negra se deu a partir dessa militância. Eu sou ainda do tempo em que muita gente não se autodenominava nem feminista, agora a gente fala até pensando em um feminismo negro, que não é uma coisa ainda consolidada, não é? E também o feminismo como tal, feito sempre pelas brancas, nós éramos todas do movimento de mulheres, tanto as brancas quanto as negras, mas...

**SC: Isso pelos anos oitenta?**

EV: É, exatamente, e a gente...

**SC: Você tinha um grupo específico ou você atuava com vários grupos?**

EV: Não, primeiro a gente começou no movimento negro, no movimento de moradia, digo assim de “de moradia”, mas é mais chamado de movimento popular, do sul da Baixada, Baixada Fluminense, especificamente de Nilópolis.

**SC: Você era de lá, você morava lá?**

EV: Morava lá, e posso dizer que continuo morando lá, porque minha família é de lá, este final de semana eu passei em Caxias, esse final de semana eu já vou para lá para Nilópolis... Porque eu moro sozinha aqui em Vila Isabel, mas sou a mais velha de sete irmãos, então... Moro sozinha por opção, quando eu comecei a estudar e tal, e ter condições de pagar uma coisa aqui facilitava, eu fiquei assim, para levar vinte minutos para chegar no meu trabalho só morando aqui mesmo, eu levava uma hora e meia, duas horas, só isso compensou tudo, essa mudança, vir morar sozinha, essas coisas. Mas aí eu comecei na minha comunidade, em Nilópolis, e tinha o MAB, um movimento de associações de bairro que abrangia toda a Baixada, que às vezes se encontrava. Nilópolis era um lugar que tinha até hoje a mesma família política, que domina o município e era, claro, associada com a ditadura, então era difícil militar, onde tinha uma coisa assim, mais aguerrida, era Nova Iguaçu e Caxias, que conseguia, e tinha Dom Adriano Hipólito, que abrangia Nilópolis, que é o bispo da igreja, porque a gente só tinha dois partidos, então militar na igreja era uma possibilidade de um guarda chuvas bom que abraçava. E aí depois nessa dinâmica eu, Leila, Leonardo, a gente fundou o Ação Negra de Nilópolis.

**SC: Quais são os nomes completos deles?**

EV: Leila Nicolau, Leonardo, o sobrenome está me fugindo, olha que coisa, eu guardei das mulheres e não guardo homem, a gente era mais próximo, Haroldo, não esse Haroldo não, outro Haroldo que já faleceu até, ele trabalhava de segurança, aquela história de ser negro no Brasil, você paga um preço muito alto. E foi aí, aí nisso veio a universidade, vindo a universidade, o movimento estudantil, e tal, eu não fui do ME, assim, para estar na disputa do ME.

**SC: Qual universidade que você estudou?**

EV: Eu fiz UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, que é minha escola.

**SC: E da Baixada Fluminense tem muito pouca gente que chega na universidade.**

EV: Ah sim, claro.

**SC: Como você explica como você chegou?**

EV: É, pois é, se você parar para pensar realmente é... Eu não tenho um nome para dizer, inconformismo, porque na verdade essa coisa de militância eu acho que é uma coisa interna sua, de você querer mudar cada situação, eu ao longo de toda a minha trajetória eu queria ser advogada, contra a injustiça, entendeu? Mais próximo, eu entrei na universidade com 23 anos, eu terminei o segundo grau antes dos dezenove, mas achei que tinha que trabalhar. E eu fui trabalhar, eu primeiro queria ter uma certa estabilidade e tal, assim, ter um emprego e tal para depois entrar na universidade e estudar de noite, claro, filha de operário vai estudar o quê? De noite. Então eu sempre achei que para mim seria natural eu frequentar a universidade, era uma coisa dada. Aí você vai fazendo treze, quatorze, quinze, dezesseis, e chega uma hora que você vê que não é uma coisa dada, não é bem assim. No caso, meus pais sempre incentivaram a gente a estudar, mas ficou claro que tinha que ser na universidade pública, e por coincidência estudei em escola particular, um sacrifício que meu pai e minha mãe fizeram e que hoje eu acho que eu deveria ter feito escola pública, mas é uma história lá do cara conhecido, o cara fundou a escola e meu pai... Eu sofri muito nessa escola, muito, com o racismo, até hoje se você vai estudar numa escola paga você vai estar no meio da Maria Branca, você sofre, hoje até o Brasil usa essa expressão bullying, né? Incorporaram isso, e meu pai tinha sete filhos, tem sete filhos que são todos vivos, eu sou a mais velha, e ele trabalhava na Petrobras.

**SC: Ele conseguiu... Ah sim, operário da Petrobras. E ele conseguiu pagar escola para sete?**

EV: Sete.

**SC: Quantas mulheres e quantos homens?**

EV: Somos cinco mulheres e dois homens.

**SC: Ele não fez diferenciação, as mulheres iam estudar.**

EV: Não, não, lá em casa é o contrário, todas as mulheres têm faculdade, como se diz aqui no Brasil, só os homens que não têm.

**SC: A sua mãe estava em casa ou sua mãe trabalhava também?**

EV: A minha mãe estava em casa, mas minha mãe é baiana e uma mulher negra que sempre se virou, fazia cocada para vender e tal, aquela luta, não é? Mas era um casal que sempre valorizou o estudo. O meu pai está com 88 anos, e o meu pai é um homem que estudou até a quinta série e aí na quinta série tinha que trabalhar, ele com onze terminou a quinta série, com doze ele já estava trabalhando, isso foi uma coisa do meu avô que era já... aí o meu avô já era um operário, não era...

**SC: Carioca?**

EV: Não, baiano, o meu avô.

**SC: Ah, o pai da sua mãe?**

EV: O pai do meu pai. O meu avô, eu gosto de ver na certidão dele, está escrito que ele é um artista, ele era sapateiro e tal. E o meu avô já era uma coisa ... É que naquele tempo, quer dizer, vamos dizer, o meu pai é da década de 20, que ele nasceu no final da década de 20, 1927, 1926... Vamos supor na época trinta e poucos: ser operário na Bahia, que naquele tempo tudo era uma província, e já era uma coisa já muito, trabalhava numa oficina de operários. O meu avô por parte de pai sempre falou que ele operário, e o meu avô era sapateiro, eu gostava de ver o documento do meu avô por parte de mãe, Francisco, primeiro Genésio por parte do meu pai, Francisco por parte de pai, era um sapateiro que fazia sapatos, essas coisas, aí ele trabalhava lá em casa, o meu avô trabalhou até 83 anos até trabalhar, até perder a vista, então aquelas coisas, aquelas ferramentas.

**SC: Tinha uma oficina?**

EV: É, não era oficina, vamos dizer, não era uma oficina porque ainda era dentro de casa na sala, na sala, e aí depois assim, crescendo, participando da militância que eu vim descobrir que eu tinha um privilégio de que meus avós por parte de mãe eram casados, tinha um retrato da minha avó de vestido de noiva e tal. Meu pai não, foi filho... o meu bisavô não casou com a minha bisavó, e o meu pai perdeu a mãe com seis anos.

**SC: Mas estavam juntos?**

EV: Não, perdeu a mãe com seis anos. Eu tenho seis tios por parte de pai, tanto que... porcada um: eu tinha seis por parte de mãe, minha avó tinha sete filhos e o meu avô também sete, mas no caso do meu avô era o meu pai, e aí ele teve um fora do casamento, não, minto: ele morava com Das Neves, em uma casa com Das Neves, Das Neves arrumou para ele ser padrinho do casamento do compadre dele, mal ela sabia que ele ia casar com a filha do compadre, então eu tenho um tio aí faz com o meu pai dois, e é só seis meses mais velho de uma irmã dele.

**SC: Ah, sim.**

EV: Desse casamento o meu avô teve cinco filhos, desses cinco filhos eu só sou mais nova que três, tinham dois caçulas. Eu tenho uma tia que tem idade de ser a minha filha, essa é a minha história, mais ou menos.

**SC: Citando assim... Pelo que estou entendendo, a sua família é extensa e estava toda lá, você conhece todo mundo...**

EV: Exatamente, eu descobri que é um privilégio...

**SC: Que estava todo mundo morando no mesmo bairro?**

EV: É estruturada, entendeu?

**SC: Trabalhadores?**

EV: Trabalhadores, entendeu? A minha mãe seguia e dizia: "o meu pai só permitia filho casar com casa própria", só podia sair com filha dele, por parte de mãe, o meu tio Chico, o avô Chico, só com casa própria, arrumada e tal, com enxoval e tal. Então eu venho dessa estrutura. A gente foi morar na Baixada porque o meu pai veio para o Rio de Janeiro para trabalhar. Se você pegar no começo dos anos 50 até mais ou menos os anos 60, a imigração interna do Norte e Nordeste para Sul, era assim, né, historicamente está lá registrado. O meu pai fez parte dessa, meus pais, meu pai e mãe dessa leva para vir buscar melhores condições no Sul, e eu nasci aqui já.

**SC: No momento que eu interrompi você estava falando sobre a militância, quando você estava na faculdade...**

EV: É.

**SC: Mas primeiro eu queria só perguntar, só para completar essa parte da sua família e a sua vida de criança lá na Baixada... O que você entende, você falou que a militância está dentro de você.**

EV: É por isso que eu acabei contando a minha história, porque veio... É lá trás que você vai buscar, porque o inconformismo, né, a minha militância veio pelo inconformismo, respondendo basicamente a sua pergunta com uma palavra.

**SC: Sim. E você vem dessa família que tem uma estrutura forte, uma vivência que deu a força a você para seguir na vida, para fazer faculdade, para conseguir um emprego, e conseguir militar, mas seus pais também eram militantes, eles ensinavam você sobre a injustiça em casa ou foi você que aprendeu isso em outros...?**

EV: Aprendi fora, tanto que é isso que eu disse a você, que eu assim, como eu fui assim já... Aí tem uma coisa assim, a minha mãe sempre disse que eu era muito inteligente, meu pai achava, não só eu como as minhas irmãs, meus irmãos, para estudar... Porque essa coisa era alimentada em casa. Somos negros, temos que saber muito mais para estar num trabalho, porque, por exemplo, assim na cabeça do meu pai, assim, na compreensão dele assim, ter o segundo grau já era ter uma profissão, a minha formação, eu tenho formação profissional, eu me formei em técnico de contabilidade, entendeu? Eu sou do tempo que ginásio tinha anel, eu não ganhei anel porque o meu pai não tinha dinheiro para esses supérfluos, não tinha para isso, tinha para pagar escola, comprar livros, era isso, na minha família tinha isso. Então eu fui estudando, suplantei o meu pai, minha mãe só tinha feito até a segunda série, a minha mãe era semialfabetizada, lia com sacrifício, tinha vergonha, eu nunca vi a



minha mãe ler, nunca a minha mãe pegou algo assim e leu, não, porque eu sei que ela tinha dificuldades, ela lia, "universidade e tal", mas ela nunca... Aí quando a gente começou a, como se dizia antigamente, juntar as letras, ela empurrava para o meu pai, depois que saiu do be-a-bá, que saiu daquilo do "mala", "faca", quando começou a complicar, isso ela já não... Mas durante toda alfabetização a gente ia para escola, e a minha mãe fazia isso em casa com a gente. Mas depois, ler de carreirinha, pegar um texto para ler, tomar uma lição de interpretação de texto, uma redação, isso a minha mãe não se sentia segura para fazer. Então isso tem um bom tempo... Sabe aquilo que... eu recordando, eu me lembrando, me dei conta que nunca vejo mamãe lendo, assim, lendo uma leitura alta, sempre uma leitura silenciosa e tal, ela assim anotar. A minha mãe para comprar, ela mesmo escrevia e ficava com ela, mas se a gente fosse comprar alguma coisa, a gente tinha que escrever, não conhecia a letra da minha mãe. Mas às vezes ela deixava bilhete para o meu pai e tal, essas coisas, mas para gente, quando a gente chegou a um certo... Aí quando eu cheguei a um certo ponto de saber ler e tal, saber o que é universidade, faculdade, ler livros, não sei o que, tocar, eu achava que aquilo era natural, isso para mim era... Aí depois dos treze, quatorze anos que eu vi que não era bem assim.

**SC: Então essa formação familiar e a militância do movimento negro no seu bairro na Baixada Fluminense que levou você a começar a militar já nos anos 80?**

EV: É.

**SC: Aí você foi fazer faculdade...?**

EV: '78, na verdade assim, o meu marco de militância eu dou '78, mas comecei ali por '77, cinco da baixada, porque na Baixada foi uma coisa muito barrista, muito... porque era mesmo, porque eu disse barrista? A falta d'água, a falta de luz, entendeu? A rua sem calçar, a Baixada só calçava ali o centro, aquela coisa, você ainda vai na Baixada e vê um monte de ruas que consta como calçadas, mas não são calçadas.

**SC: E nessa época antes de fazer faculdade, nessa época na Baixada, você já tinha esse interesse em militar especificamente para melhorar a vida das mulheres ou combater injustiça de gênero ou isso foi mais tarde?**

EV: Vamos dizer assim, mais tarde que veio a consciência, porque tem umas coisas que te incomodava, eu não sabia dizer o nome, aí quando eu era adolescente nesses lugares, fiz muitos estudos de militâncias e tal, descobrindo dentro da igreja, de conseguir...

**SC: Católica?**

EV: É, e eu não sou católica, eu não era católica.

**SC: Você tem religião?**

EV: Agora eu tenho, eu tenho depois de já velha, eu sou iaô velha, eu sou candomblecista. De você ir e, às vezes o presidente da associação era um homem, não sei o que era um homem, mas quem ralava... aí você botava assim, quando você fazia uma plenária assim, cinco, seis homens, trinta, quarenta mulheres. A gente arrumava as coisas, aí via, entendeu? Aí veio a importância de Lélia [Gonzalez], porque aí as pessoas traduziram aquilo para mim e para outras. Eu sou do tempo que ainda tem departamento feminino, tinha departamento feminino na Baixada, aí você vinha para as favelas tinha departamento feminino, aí você vinha nos grupos de negros, grupos disso, daquilo, tinha departamento feminino. Aí você via o que o departamento feminino fazia: cozinhas, tal e coisa. Quando eu cheguei no movimento as mulheres já falavam, tanto que na CN teve uma pessoa que levantou para me dar um murro numa reunião, para você ver que eu alcancei isso de mulheres serem agredidas por posição política, isso eu presenciei.

**SC: Por homens?**

EV: Por homens, IPCN, em vários... era porque as sujeitas resolveram sair da cozinha, do departamento feminino. Aí você tem uma Beatriz, uma Lélia, uma Pedrina que são as minhas antecessoras, pessoas que quando eu cheguei já estavam militando, já eram as militantes, formadas e tal, são as mulheres emponderadas, que agora se usa emponderadas, e falavam que elas não queriam estar no departamento feminino, Lélia, Beatriz, Pedrina...

**SC: Mais velhas que vocês?**

EV: Mais velhas.

**SC: E que você ouvia, via?**

EV: É, ouvia e via, exatamente. Foi assim que começou o movimento de mulheres dentro do movimento negro.

**SC: E nessa época mais ou menos chegando a essa consciência sua, essa coincidiu com a hora que você fez faculdade e veio para cidade?**

EV: Ah, coincidiu, porque foi a hora... como é que eu vou dizer, eu tive um marco muito grande assim, foi o ano que eu perdi a minha mãe.

**SC: Que ano foi esse?**

EV: Em '78, eu entrei na universidade em '78, e ela faleceu dezembro anterior, dezembro, em março eu estava dentro da universidade. Minha mãe viu a preparação da gente para universidade e tal, e o meu pai dizia, "mas agora que a gente vai terminar a casa...", a minha casa era em construção e tal, "elas querem", porque foi eu e a minha irmã, "elas querem estudar, fazer faculdade...", porque fazer faculdade até hoje é um peso para uma família operária, uma família negra, pobre, branca, seja lá o que for, porque além das despesas,

mesmo que você vá fazer uma universidade pública, tem passagem e tal, é um dinheiro que deixa de entrar na família, entendeu? Tem gente que esquece esse aspecto quando, por exemplo, tem as coisas de cota e fica dando, se pede que esses meninos e essas meninas tenham bolsa, não sabe o que significa para uma família negra, porque um menino com vinte e poucos anos, a menina com vinte poucos anos dentro dezoito ou dezenove...

Giovana Xavier: Participa do orçamento.

EV: Participa do orçamento, e tem gente, classe média, essa burguesia idiota que não consegue enxergar além do próprio umbigo, eu estou usando essa burguesia, a pequena burguesia naquele conceito lá trás, que eu estou assim reproduzindo uma fala minha que é do passado, que não sabe disso, não sabe, não tem a menor noção. Às vezes para uma família negra e tal é uma perda, é uma perda, é uma perda. Porque eu me lembro da minha mãe dizendo, "quando vocês trabalharem, só de vocês não darem despesa, já é muito", eu fui criada ouvindo isso, significa não precisar comprar um sapato, imagina você comprar sapato para sete filhos, é claro que é assim, esse mês é sua vez, não sei quantos meses depois é do outro, aí passa para o outro, aí quando você chega para começar de novo o sapato aqui já abriu, mesmo com meu pai trabalhando na Petrobras. Então é isso, então eu sou dessa geração que não acaba, a minha tristeza agora... essa coisa da militância que você falou para falar agora, isso não mudou muito não. Ontem eu tive uma decepção tremenda, um menino está no quinto período, e ele diz que vai trancar, a gente já sabe que ele trancou...

**SC: Quem é?**

EV: Um filho de uma...

**SC: Um filho de uma amiga sua?**

EV: É.

**SC: Trancou, porque não conseguiu?**

EV: É. Com vinte e um anos que eu acho, que ele tem que ajudar a mãe a fazer uma casa, é mole? É para um menino de vinte e um anos que está fazendo faculdade estar preocupado em fazer casa?

**SC: Para a mãe dele?**

EV: Não, para ele, para a mãe dele.

**SC: Para a família?**

EV: Aquela coisa, não dá mais despesa, entendeu? Achar que é homem, que numa emergência, uma coisa... e aí foi um debate gente, aí eu estou dizendo, "ah, está faltando alguma coisa nessa história, nessa história está faltando alguma coisa aí". É duro, Baixada Fluminense.

**SC: Você chegou na faculdade, aí você citou isso como um marco, porque você começou uma militância diferente do que aquela do que você fazia?**

EV: Do que eu fazia, que é bem, muito diferente, conhecer novas pessoas, novas intervenções, porque a gente tem uma dificuldade de... você é que vai ao encontro... Eu cheguei fazendo essa crítica dentro do movimento, e acaba ouvindo... na reunião de que nós participamos agora cedo, a mesma coisa: a pessoa dizendo que gastou vinte reais para chegar, não sei quantas horas para chegar no lugar, para discutir a condição, e eu também a mesma coisa. Então você que tem que ir ao encontro de uma possibilidade, porque aí você vai encontrar um movimento organizado, porque que bom que a gente agora descobre que - tem gente que não considera - há uma construção teórica ali nos movimentos, há uma construção teórica. E não estou dizendo que há contribuição porque agora a fulana é mestre, o outro é doutor, não, não, aquelas pessoas estão... porque eu compreendo que a intelectualidade é uma reflexão que você faz sobre a sua vida, sobre algum problema de que você busca a solução, é isso. O que é a universidade? Ontem mesmo eu estava ouvindo, falando, conversando com um menino dizendo como é que Sócrates ensinava, na rua, isso que era, sair andando, essas coisas, uma coisa que não tem, não é essa coisa arrumadinha, certinha. Mas isso é uma fala minha agora, é agora que eu consegui agregar, e eu sou também de uma geração em que a universidade era nossa inimiga.

**SC: O quê?**

EV: Nossa inimiga.

**SC: A universidade. Mas mesmo o que você estava fazendo na faculdade, você estava na faculdade de Sociologia?**

EV: Sociologia, Ciências Sociais.

**SC: Na UFRJ?**

EV: Na UFRJ, no IFCS. Mas eu estou dizendo assim, é um pouco isso, o que é, porque quando...

GX: Até hoje é um pouco isso. Desculpe, estou falando, não sei se posso ficar interrompendo.

**SC: Claro, não, fale, por favor.**

GX: Que eu dizia assim, que até hoje, quando ela diz assim, até hoje, porque há uma distância de 30 anos, mais de 30 anos.

**SC: Você tem quanto?**

GX: Eu tenho 35.

EV: Não, menos de 30 anos, eu tenho 59. De você achar que você é só um objeto. Eu conheço muita gente capaz, muita gente que eu pensei que... há pouco tempo que eu descobri que aquela pessoa não tem universidade, mas tanta capacidade de elaboração, mas uma das coisas que se dizia era que esse militante, esse novo chegava na universidade se perdia, incorporava os valores do branco, vinha querer morar aqui na Zona Sul, fazia um casamento misto, no caso dos homens, e aquela família negra perdia aquele indivíduo.

**SC: Não é o caso das mulheres?**

EV: As mulheres é de uma forma diferente, mas a Giovana queria falar sobre essa coisa de um lugar...

GX: Não, eu ia falar que tem essa ambiguidade, a história da.... eu acho que dos movimentos sociais negros com a universidade, eu acho que é uma história marcada por essa relação ambígua de amor e ódio.

EV: Ódio.

GX: Ódio, eu não sei se é a melhor expressão. Porque tem toda uma ideia também de que a universidade é o caminho de embranquecimento para as pessoas negras, então assim, isso gera também um discurso de muito ressentimento por parte do movimento negro, o movimento negro assim, na sua dimensão plural também, não dá para falar de um movimento só.

**SC: Que o movimento negro é um guarda-chuva?**

GX: Pois é. Das pessoas que estão nos movimentos negros, mas eu acho que essa relação de ambiguidade também tem a ver com as nossas histórias individuais de crescer ouvindo, se não diretamente, ouvindo de várias formas subliminares que a universidade não é para a gente, que é esse exemplo que ela está dando: o menino negro de 21 anos que tinha que estar preocupado em terminar a sua graduação vai sair da universidade porque entende que é a tarefa dele construir uma casa para família morar. Isso é uma forma de te dizer socialmente que a universidade não é para você. Então eu acho que isso também alimenta isso que eu estou chamando agora dessa relação de amor e ódio, dos movimentos sociais negros para com a universidade, porque também a Beth estava falando isso, uma coisa que se discute, mas eu acho que ainda é muito pouco, é o que acontece depois que você está lá também, porque a nossa batalha é muito focalizada em chegar até a universidade. Claro que

hoje nas universidades também tem toda a discussão sobre permanência, tem políticas de permanência associada às cotas, mas ainda assim o processo do ponto de vista da subjetividade, do ponto de vista sentimental é muito pouco discutido, das consequências também... das consequências que o racismo gera para as pessoas negras que estão dentro da universidade, como que é lidar com o racismo cotidianamente ali dentro. A gente pensa muito, "ah, consegui entrar, e consegui sair com o meu canudo", mas o dia-a-dia, o processo de se ver na alteridade, se ver em relação ao outro numa alteridade desigual o tempo inteiro, ou se não o tempo inteiro a maior parte do tempo, então eu acho que isso tudo também contribui para isso que eu estou chamando dessa relação ambígua de amor e ódio, eu sempre gosto de historicizar, porque se não parece também que é uma coisa que a gente escuta muito, "ah, as pessoas negras são rancorosas, as pessoas negras se vitimizam, as pessoas negras têm mania de perseguição, não é bem assim, veja bem, você está na universidade", mas pouco se pensa sobre o tempo presente que você está ali, então eu acho que tem a ver com essas coisas assim, não é Beth?

EV: É.

**SC: Então isso é interessante porque você está falando sobre 1978 até '80 e pouco, e você entrou na universidade...?**

GX: Eu entrei a primeira vez em 96, quando eu entrei, em 97, eu fiz um ano de Letras na UFF, na Federal Fluminense, e aí eu parei para trabalhar, no final dos anos 90, e depois eu voltei e fiz vestibular de novo em 98, aí entrei na UFRJ, no IFCS, no mesmo lugar que a Beth estudou, só que dois andares abaixo, no segundo andar, em História...

EV: História.

GX: Porque lá o segundo andar é História, o terceiro andar é Filosofia, e o quarto andar é Ciências Sociais, então a gente brinca assim dos andares. Então você vê, para a gente que é historiador, quer dizer, a Beth é socióloga, mas tem uma interface muito grande com a História, é complicado a gente falar, pensar de forma linear, só nas permanências, mas a gente vê também como que as rupturas são marcadas por essas permanências. A gente está falando de... você entrou em '78?

EV: '78.

GX: Eu entrei em '99, 21 anos depois, 20 anos depois, quanta coisa que você está falando que eu estou até assim em silêncio por me identificar assim, para falar assim, não, ela está falando a minha história também, então tudo bem.

**SC: Bom, já que estamos falando da sua história, eu queria perguntar a você, você que me sugeriu essa entrevista junta, porque você citou Elisabeth como uma pessoa que você admira muito, e que foi uma espécie de mentora para você, especificamente para pensar nesse assunto da mulher negra na universidade e nos movimentos**

**sociais, na vida acadêmica. Então pode explicar um pouco essa relação? Onde vocês se conheceram e por que você considera ela uma mentora e o que essa geração de vinte anos antes da sua chegada ensinou a você?**

GX: Eu acho, assim, primeiro eu acho maravilhosa essa possibilidade de a gente estar podendo... a gente é amiga há muito tempo, mas a gente pouco conversa sobre esse cenário de contribuição de referência de umas para com as outras, então eu acho muito legal a gente poder falar sobre isso. Eu conheci a Beth, a gente se conheceu naquela disciplina do Flavio, a gente fez uma disciplina com o Flavio Gomes...

**SC: Que as duas estavam fazendo mestrado?**

GX: A gente estava fazendo mestrado na época, a Beth estava fazendo lá na UFRJ no Programa de Pós Graduação em História Comparada e eu estava fazendo na UFF na Pós Graduação em História Social com a Rachel Soihet, que foi minha orientadora no mestrado. A gente fazia uma disciplina, tinha mais uma aluna que era a Kelly Amaral, que fazia na UFF com a Martha [Abreu], e a gente se conheceu assim, e foi um momento muito interessante porque o Flavio também é uma grande referência para a gente e era uma disciplina que só tinha o Flavio, um homem, professor, intelectual negro e três mestrandas negras então, assim, era um encontro de... Era muito interessante, era uma disciplina, eu não lembro o nome, foi o que, dois mil e três ou dois mil e quatro?

EV: Dois mil e três. Quatro, é, três ou quatro.

GX: Dois mil e três ou quatro, porque eu defendi o mestrado em dois mil e cinco, você defendeu em dois mil e seis, não foi? Eu acho que foi dois mil e quatro então.

EV: Quatro, é.

GX: Bom, e aí, assim, eu não lembro exatamente qual era o título da disciplina, mas a gente discutia história e cultura afro-brasileira e tinha uma perspectiva transnacional também, a gente lia muitos autores dos Estados Unidos, do Caribe também.

**SC: Mas não sobre o gênero?**

GX: A gente trabalhou a questão de gênero também, inclusive a gente leu um dos capítulos do teu livro nessa disciplina, e gente leu Bel Hooks também, eu lembro disso, aquele artigozinho das intelectuais negras, mas não era uma disciplina sobre gênero. Mas para mim, assim, eu já estava no mestrado então já tinha um certo acúmulo, já tinha passado pela graduação também, mas para mim foi muito impactante, assim, conhecer a Beth, porque...

EV: O Flavio também, quando o Flavio chegou... eu estava militando, eu não conhecia o Flavio, mas ele me conhecia, falava, e ele pesquisa os intelectuais negros, a militância negra,

então as pessoas que ele estuda eu conheci pessoalmente, militei pessoalmente, isso dava uma riqueza muito ao nosso encontro. Tem Giovana, ligada, que trazia muito essa coisa, como Giovana gosta, que permaneciam e criava novas roupagens mas enraizadas, e o Flavio também com a experiência dele como aluno, professor, na verdade éramos três gerações e...

GX: Eram três gerações, a Kelly era mais ou menos da minha idade, tinha a Beth e tinha o Flavio.

EV: E como tema a universidade, a construção do conhecimento...

GX: Eu achava incrível, para mim até hoje, assim, a gente estar fazendo um curso de pós graduação, um professor negão, mais três negonas, era uma coisa assim, até hoje atípica, um cenário totalmente surreal. Eu nunca mais vivenciei isso daquela maneira, era muito interessante, eu lembro que no primeiro dia também, que tem a ver com como a gente se conheceu, ele fez questão de apresentar a Beth então, "olha, essa aqui é Elizabeth, é uma ativista, e ela foi contemporânea da Lélia Gonzalez que tem toda uma importância na história dela...", e eu fiquei assim, "caramba, nossa", e aí aquela coisa, chega em casa e liga para os amigos, "olha, eu vou estudar com uma ativista que conheceu a Lélia Gonzalez, e ela por sinal já é muito legal, e tal". Então assim, tinha aquela coisa que, eu acho que é muito bacana também, primeiro, assim, todo mundo se respeitava muito, foi um curso muito marcado por uma relação de amizade também e ao mesmo tempo dentro dessa ideia do respeito tinha um reconhecimento também de, tipo, sabe, quem está chegando agora respeita que já está aqui. Eu e a Kelly a gente também tinha muito, que éramos as mais novas, a gente tinha muito essa coisa também, então várias vezes na disciplina a Beth também botava a gente no nosso lugar, porque a gente vinha cheio de "não, porque o conceito do fulano, e o Atlântico Negro do Paul Gilroy", e a Beth "mas o Atlântico Negro não é assim não, porque na prática o Atlântico Negro não sabe de muita coisa, eu vou contar para vocês", então, assim, tinha uma troca muito grande...

EV: Mas ela sustentava a posição dela, foi muito rico.

GX: É, eu sou teimosa, a gente quebrava pau na disciplina, eram três horas de quebra pau.

**SC: É interessante que o seu conceito que você estava dizendo antes, que também não é só teoria, os autores que os jovens mestrandos estão lendo, mas também a teoria que trazem as pessoas que não estão na universidade, mas que tm o dia a dia, eles trazem essas questões do dia a dia e estão fazendo uma teoria sobre como é e qual é a realidade e como que é que deve militar...**

EV: Isso que Giovana... Eu fico muito feliz de ouvir Giovana, eu posso usar a mesma palavra que Giovana usou. Eu posso dizer assim, a minha militância foi respeitada, e a gente chegou a um grau tal de intimidade em que eu falava, "menina, não, isso aí é uma coisa, a gente está lendo, eu compreendo perfeitamente...", eu me lembro até,.. Flavio...



GX: Flavio tinha horas que ele pirava com a gente, um monte de mulheres falando, desesperadamente.

EV: Porque até eu tinha... Quando eu cheguei, o meu objeto, eu queria trabalhar a pequena África, aquela coisa da Bahia, o samba, outro dia eu fui colocar... Que a proposta, a compreensão teórica do Flavio é de outra ordem, não é uma coisa que traz importada... Essa coisa de Atlântico Negro... tem um percurso que você pode acompanhar mostrando que muitos aportavam aqui, estavam naquele navio, voltavam e já levavam daqui, então existia essa troca, então era esse ambiente também que existia entre nós, então essa disciplina foi muito boa. E aí eu reconheço que essa minha experiência foi muito rica, até porque muitas construções teóricas que eu vejo dentro da universidade, que eu via, foram trazidas, como a gente diz, era no momento, das ruas. Por exemplo, hoje eu tenho dificuldade, até hoje, claro... "Movimentos negros", até hoje eu tive vários embates, eu não considero assim, e aí eu me contraponho e digo assim: "alguém fala 'os movimentos feministas'? Por que o movimento feminista é "o" movimento feminista, com toda a sua diversidade e desigualdade no seu interior e por que nós negros não podemos ter a mesma diversidade, a mesma desigualdade?" E a gente não pode falar o movimento negro, é os movimentos negros? Aí pega o velho que vive dizendo que isso é coisa da academia. O movimento tem muito essa coisa, até hoje, muito bem lembrado por Giovana, que ainda permanece isso, "ah, isso é coisa da academia, vocês vão lá para a academia" e aí acha que tem essa cooptação e essa cooptação dentro do movimento quer dizer o embranquecimento. Então nós discutimos tudo isso nos debates, e ela trazendo a experiência dela, a militância dela, a Kelly é uma pessoa que não tinha tanto esse contato, a Giovana trazia esse contato.

GX: A Kelly era professora da educação básica de História.

EV: E aí os partidos políticos, não sei o que e ta, ta, ta, isso tinha na nossa aula.

GX: Eu vinha também de uma história, eu fiz movimento estudantil, então, assim, eu também já tinha essa coisa do ativismo já arraigado. Eu fui, hoje em dia não sou mais, mas eu fui militante de uma corrente do Partido dos Trabalhadores, a Democracia Socialista.

### **SC: PSOL?**

GX: Não, DS, é uma corrente Trotskista do Partido dos Trabalhadores, Democracia Socialista. Então eu entrei no movimento estudantil, eu fiquei um tempo independente, fazendo ativismo sem estar em nenhum partido, depois eu fui para essa corrente, no primeiro ou no segundo ano da graduação. Então, assim, quando eu cheguei no mestrado, já nessa época, em 2003/2004, eu já não estava mais na Democracia Socialista, mas eu já tinha toda... Eu fui formada historiadora como uma ativista, como uma militante do movimento estudantil, então eu já tinha toda aquela manha, aquele traquejo, inclusive toda desenvoltura também, aquela coisa de conciliar as leituras, as obrigações da vida universitária com o ativismo, e também sempre preocupada em encontrar o equilíbrio

disso porque eu sabia que para mim o significado de estar ali na universidade era muito diferente do que o significado das minhas amigas de militância do movimento estudantil brancas, classe média, zonal sul. Então assim, no movimento estudantil, hoje eu acho que está um pouquinho diferente, mas na minha época a questão racial não era a pauta prioritária, então veja que eu militava... Mas assim, hoje, por exemplo, lá no IFCS, você tem o coletivo negro Carolina Maria de Jesus, são estudantes negros que... Tem estudantes ativistas, de partidos políticos, mas também tem estudantes autônomos que entenderam que era importante fundar um coletivo negro Carolina Maria de Jesus.

**SC: Dentro da faculdade mesmo?**

GX: Lá no IFCS, na minha época não tinha isso, teve uma tentativa de alunos negros do IFCS, mas não deu muito certo, assim, se perdeu. Então, assim, eu já tinha esse senso de... que eu acho que as pessoas negras de uma forma geral aprendem desde pequenos, é o senso de lidar com a desigualdade, como você vai lidar com a desigualdade no dia a dia.

EV: Jogo de cintura.

GX: Que eu percebia no movimento estudantil, eu ficava assim "caramba, só tem eu e mais um ou dois pretinhos aqui, não é isso que a gente está discutindo", e toda vez que se tentava discutir não era um tema também muito bem vindo, que a questão era fora FHC, fora o FMI, não vamos pagar a dívida externa, então, assim, eu estava ali, mas eu sentia que não era também o lugar, assim. Então foi muito interessante conhecer a Beth um tempo depois, claro que durante a minha graduação eu já tinha tido... E durante a minha história também como criança, como adolescente, como mulher negra vai contar, experiências concretas de ser uma pessoa negra, mas, assim, no contato direto do ativismo a Beth foi a primeira pessoa assim, mais direta do movimento negro, que aí é movimento negro mesmo, no singular, do movimento negro com quem eu tive contato. E aí foi muito interessante porque ela personificou tudo, a coisa da ativista, do movimento negro, ser uma mulher negra que vem da Baixada Fluminense, e que ascende social e economicamente através da universidade, é como um espelho, eu falei "caramba, cara, eu estou assim, guardadas as devidas proporções eu estou me vendo", e aquilo para mim foi muito marcante, tanto que a gente, até que nos últimos tempos a gente tem tido mais contato, mas muitas vezes a gente fica, a gente já ficou anos sem se falar, meses, mas, assim, é uma pessoa que eu sempre lembro, que é marcante para mim, em qualquer coisa vai estar lá, está lá na minha dissertação, ela foi na minha defesa, eu fui na dela, está nos agradecimentos da minha tese, ela é uma pessoa que eu sempre lembro, é uma mulher negra que para mim é a minha musa inspiradora.

**SC: Então, duas coisas, a gente acabou não chegando à pergunta de como você, a sua vida pessoal levou você à militância, porque você já começou falando sobre o encontro no mestrado, e a sua experiência na faculdade, política, que levou você a valorizar o que a Beth oferecia enquanto modelo, ou mentora para você. Mas pode falar um pouco sobre a sua vida, porque você mencionou que a sua vida pessoal**

**também levou você a ter uma determinada perspectiva, que você trazia com você quando você ia às reuniões do ativismo, dos diferentes tipos de ativismo estudantil, então você pode falar mais um pouquinho sobre isso? O que você vê na sua trajetória pessoal que levou você a querer militar e procurar a maneira que você queria militar dentro da faculdade?**

GX: Eu acho que, assim, são várias coisas. Eu acho que essa coisa do querer militar, eu acho que eu nem vejo outro caminho, eu acho que a gente que é preto está militando diariamente, então, assim, claro, eu entendi, também tem a dimensão da militância orgânica, né? Mas, assim, eu venho de uma família de mulheres negras. Então, assim, hoje quando eu olho, o que eu estudo, a coisa de feminismo negro, por que isso é tão caro para mim, estudos de gênero também, e eu acho que tem tudo a ver, então assim, eu fui criada numa família negra, conduzida por mulheres.

**SC: Sua mãe...**

GX: Minha mãe, minha avó, minha tia, tinha o meu avô também, que era o homem do nosso núcleo familiar, mas coitado, a gente "tratorava" o meu avô, porque a gente decidia tudo, minha avó era super, assim, "todos têm que rezar na minha cartilha", então, assim, meu avô seguia o fluxo, coitado.

**SC: Tinha outras meninas também ou era só você?**

GX: Éramos eu e meus dois primos, o núcleo menor da família, o núcleo duro, porque a família era muito maior, mas, assim, a parte que mais convivíamos éramos a minha mãe, a minha tia, a minha avó, o meu avô, eu, o Leonardo e o Gustavo que são meus dois primos, e a gente foi criado como irmãos, aquela coisa sempre: uma vai se mudar, a outra vai também que tem que morar no mesmo prédio, ou então na mesma vila, uma mora em cima e a outra embaixo, e aí a casa é de todo mundo, um abre a geladeira do outro, uma dá esporro no filho do outro, e assim, essas fronteiras de mãe e tia são muito fluidas, e avó.

**SC: E onde que foi, aqui no Rio de Janeiro?**

GX: Foi no Rio de Janeiro, no bairro do Méier, no subúrbio da central. Então, assim, a minha mãe foi a primeira mulher negra, a primeira mulher da família a conseguir o ensino superior. Então minha mãe fez normal no Carmela Dutra, uma escola de normal em Madureira, que também é um subúrbio super tradicional, onde tem as escolas de samba, Portela, Império Serrano, a minha família nessa época que a minha mãe era normalista estava em Madureira, e aí, assim, ela era a filha mais nova, porque era minha mãe, a Lena, minha tia, e meu tio Luca. Minha mãe era mais nova, então, assim, já tem aquele entendimento da família, isso nos anos... Minha mãe se formou na graduação em '77, então ela estava sendo normalista no final dos anos sessenta, início dos anos setenta, aquele investimento da família na mais nova, sabe? "Olha, a gente não pode pagar estudo para todo mundo, então, assim, vamos nos organizar e vamos fazer uma frente para - meu avô

chamava minha mãe dessa pequena - para essa pequena aqui estudar", e aí a pequena foi se tornando grande, aí ela fez o normal...

**SC: Mas escolheu ela e não escolheu os irmãos?**

GX: Escolheu minha mãe, eu acho que a coisa, porque os meus tios, eu acho que tinha um entendimento também, não sei muito bem, mas acho que minha mãe era vista como a mais inteligente, sempre gostou muito de ler, mais dedicada e gostava mais de estudar, minha tia com doze anos...

**SC: Acho interessante nessa época eles escolherem a menina e não os meninos.**

GX: Sim. E a minha tia era cabeleireira já desde os doze anos, e minha tia também falou, ""olha, eu não quero estudar, eu quero fazer cabelo, é o que eu gosto", e o meu tio na época trabalhava com várias coisas e ele estava... Ele era tipo um pequeno empreendedor, e aí ele se tornou, num determinado momento ele chegou a se tornar um grande empresário e aí com o governo Collor ele perdeu tudo. Ele tinha uma média para grande empresa de produzir sacolas e bolsas para grifes, quando você vai no shopping e compra uma roupa, botam a sua roupa numa bolsa, boa parte dessas bolsas era a empresa do meu tio que fazia, ele quebrou no governo Collor e nunca mais se restabeleceu, foi uma coisa muito, foi uma ascensão, assim, claro que ele não voltou a ser pobre, mas ficou naquela classe média, média-baixa, e ele era classe média-alta. Mas assim, voltando lá anos 60, 70: minha mãe foi, fez escola normal, Carmela Dutra, depois ela entrou na UERJ, a UERJ nem era ali no Maracanã, ainda era na Avenida Chile, ela começou também um curso de Letras, que nem eu, fez um pedaço de Letras, desistiu, e depois foi fazer História na UERJ, minha mãe, minha mãe se formou em 77.

**SC: E aí trabalhou como professora?**

GX: Ela optou por trabalhar como professora primária, ela trabalhou a vida inteira, tipo trinta anos numa mesma escola, uma escola em Realengo, na Vila Vintém, quer dizer, uma escola próxima a Vila Vintém, em Realengo, mas que boa parte dos alunos eram da comunidade da Vila Vintém que já é Padre Miguel, mas é próximo. Então, assim, eu desde cedo tive essa coisa de ser educada por uma educadora, o que para mim era um grande paradoxo, porque minha mãe trabalhava o dia inteiro nessa escola, então a gente morava no Méier, ela dava aula em Realengo, então isso quer dizer que saía de casa cinco e meia da manhã e chegava em casa oito da noite, então quem me educou, quem me deu a mão para juntar as letras, minha avó falava assim também, foi minha avó, que era uma mulher semianalfabeta, imagina, ela tinha o maior orgulho de dizer que ela aprendeu a ler e escrever e ver a hora sozinha, porque foi uma mulher que... A gente hoje estuda pós abolição, essas coisas, minha avó é de 1919, então ela perdeu a mãe com onze anos, ela perdeu a mãe dela em 1930, e aí ela ficou morando de casa em casa como escravinha, um destino muito comum das pessoas negras daquele tempo. Então ela era muito em defesa da honra, minha avó era totalmente assim, então é aquela coisa, olha, nunca lá em casa teve

dúvidas de que a gente era preto, de que a gente era negro, nunca teve, às vezes as pessoas falam, "ah, eu me tornei, eu me descobri negro". Lá em casa a gente sempre soube, mas era aquela coisa assim, "olha, nós que somos negros a nossa roupa não pode ter uma manchinha, não pode ter um amassado, a gente tem que falar baixo", se a gente ligasse o som alto tomava porrada, tomava mesmo.

### **SC: É a mesma história que você contou da sua família da Baixada.**

GX: Tem sempre que falar baixo, tem sempre que tirar as melhores notas, e assim, é uma forma muito intensa e perversa de construir a sua identidade racial., A coisa do cabelo, eu lembro que minha avó penteava meu cabelo e meu olho ficava assim, amarrava, fazia um nó aqui para... Sabe? E aí assim, a minha mãe ela... então, assim, quem foi a minha grande educadora foi a minha avó Leonor, tanto que na tese eu dedico a tese às mulheres da minha família, ao Álvaro, meu marido, mas à minha avó eu coloco, à minha trançadeira de fios e de ideias, porque eu lembro até hoje da escova, ela penteando meu cabelo e eu acho que era um jeito dela de, tipo, de amar, de cuidar, e só quando adulta eu fui entender isso de proteger do mundo lá fora, do racismo, porque a minha mãe, assim, ela estava trabalhando o dia inteiro, mas ela tinha um senso de, uma percepção muito aguçada de que a educação era o caminho para a gente. Então minha mãe me colocou em uma escola privada também do bairro, que era uma escola super cara na época, e eu fui para lá. Então, assim, na cabeça da minha família eu acho que estava resolvido, "não, essa aqui, essa pequena aqui vai estudar também e tudo vai dar certo", só que quando eu cheguei lá era pavoroso, porque de alunos negros só tinha eu e um outro rapaz que era o filho da moça que vendia pastel na cantina, então, assim, tinha uma diferença entre eu e ele, eu estava lá como uma aluna negra pagante, e ele estava lá como um aluno negro bolsista que na época nem se falava bolsista, eu acho que as pessoas deviam falar que estavam fazendo um grande favor, na verdade eu acho que essa devia ser a conversa que rolava. Então, assim, você se perceber, eu fui para essa escola com onze anos, antes eu fiz uma parte em escola pública, outra parte em colégio de freira, que também foi uma experiência pavorosa ., Assim, você se perceber como diferente sem saber formular por que você está sendo diferente, na verdade não é um diferente, você é um desigual ali, então eu acho que isso contribuiu muito para o meu ativismo, e lá em casa também, porque minha avó era muito de... ela falava assim: "vamos às falas". E aí vamos às falas ferrou, porque era colocar tudo como ela falava, em pratos limpos, e aí, assim, coitado de quem fosse às falas com ela, porque ela descascava, então, assim, era aquela... Eu acho que isso me marcou muito, o meu senso de ativismo. E eu sempre, nessa escola em que eu estudei, me sentia muito incomodada, porque eu não conseguia compreender, eu falava "eu sempre tiro boas notas, eu sou uma aluna educada, tenho o tal bom comportamento, mas assim, eu nunca sou escolhida para ser representante de turma, eu nunca fui escolhida para carregar a bandeira do Brasil"; hoje em dia eu agradeço por não ter sido escolhida para carregar a bandeira do Brasil, eu nunca estava na frente na hora de cantar o hino nacional, e aí você vai aprendendo a construir a sua identidade assim, no preterimento, e eu não conseguia entender por quê. Eu lembro que quando eu estava no colégio de freiras uma vez eu levantei o dedo e perguntei para a professora: "mas por que a fulana vai segurar a bandeira tal, se eu tiro nota maior que a

fulana?". Então olha só, e eu fico pensando, "caramba, eu perguntei isso, caraca". E aí ela respondeu uma coisa assim: "ah, então, quem quer que a Giovana carregue - ela colocou a questão para a turma, quem quer que a Giovana carregue a bandeira?" E aí ninguém levantou o dedo, imagina que situação, então, assim, eu fui construindo a minha identidade racial nesses termos, de ser aquela coisa do livro do Florestan [Fernandes] e do Roger Bastide, negro no mundo dos brancos, e é um jeito de construir a sua negritude que também aciona um cunho de agressividade muito grande, que é o instinto da sobrevivência, você tem que sobreviver ali, tem que ir para a escola todo dia, tem que passar de ano, tem que tirar nota boa, tem que nadar, eu lembro que aula de natação para mim era um terror, eu usava o cabelo de escova, e aí quando entrava na piscina desfazia a escova e eu tinha que ficar aturando as "brincadeiras", o racismo dos meus colegas. Então, assim, eu acho que a minha vida escolar me empurrou para essa situação de aprender a encontrar respostas para a desigualdade. Então, assim, eu fui a vida inteira, na minha família ninguém era ativista do movimento negro, não tinha essa história na minha família, mas, assim, eu fui...

**SC: A gente está em noventa minutos? Sessenta minutos. Sessenta justo, justo agora? Então não faz mal, está bem, é que passa rápido, começa a falar...**

GX: A gente se empolga. A escola de freira era pavorosa, eu detesto passar lá até hoje.

EV: Coração de Maria?

GX: Educandário Madre Guell.

EV: Coração de Maria acho que é em Bonsucesso. Mas você vê, esse mesmo parêntese que você está fazendo aí da sua experiência escolar é a minha, quando eu disse que estudei em escola particular, e não pública e foi um erro. Eu falei na minha fala isso, que aí você é minoria, até hoje, "casal de anu", minha colega Dulciléia e eu, a gente era considerado "casal de anu", porque nós éramos as mais negras, e eu não era a negra de carregar a pasta das minhas colegas, tinha outras duas meninas também e elas faziam tudo para as outras garotas, tudo. Agora você vê, eu com nove, dez anos eu achava elas estarem carregando pasta para os outros... isso eu tinha em casa, isso minha mãe também tinha umas falas, Tinha que ser bem comportada, o branco da minha mãe era branco, era uma coisa assim...

GX: Até hoje eu tenho isso, fico obcecada, roupa branca para mim tem que ser...

EV: Branca e tal, eu mesma, de vez em quando olhava roupa branca para ver se não está encardida. Mas por outro lado, apelido? Nós não temos apelido na escola, meu irmão ficou muitas vezes de castigo porque botavam apelido, e minha irmã Rosário tinha os beiços muito grandes - hoje seria chamada de Angelina Jolie -, até hoje ela não gosta de tirar retrato, que ela fazia assim, eu não tirava, tinha um trauma de tirar retrato, minha mãe não gostava de tirar retrato.

GX: Eu também, aquela coisa de retrato, nem sei se tem ainda, mas acho que tem, retrato da turma, tem, claro que tem, tem até da turma do Peri, meu filho, eu não gostava de tirar, porque, cara...

**SC: Porque você via a diferença que todos eram...?**

GX: Não, eu via e as piadas: "não, ela não pode sair porque vai sujar a foto, professora".

EV: "Vai escurecer tudo".

GX: Eu chorava para faltar a aula, "mãe, não quero ir, não quero ir", então, assim...

EV: E as professoras não entendiam, às vezes tiravam retrato da turma, esse constrangimento, você se recusava, e aí você não queria tirar e a professora" tá, fica aí, fica aí".

GX: Eu, assim, eu acho que a vida, a socialização de pessoas negras na escola...

**SC: Vocês estão falando dos anos oitenta né?**

GX: Estou falando dos anos oitenta, eu acho que a socialização das pessoas negras na escola é determinante para o que vem depois, porque a escola é muito perversa. Ainda hoje eu ouço dos meus alunos, hoje eu trabalho com estagiários, com licenciandos em História, e as histórias que eles contam têm bastante a ver com essas que eu vivi. Claro que muita coisa já mudou também, mas muita coisa permanece, então eu acho que tudo isso também foi me empurrando, e eu sempre fui muito, a coisa de eu ter que falar o que eu acho, ter que falar o que eu penso, e eu acho que tem a ver com isso, com essa coisa de estar em minoria, a coisa da condição de ser minoria ser cotidiano na sua vida. Então eu não tinha quem falasse por mim, ou era eu ou era eu, então até hoje eu tenho esse senso muito aguçado, e aí tem gente, caramba, "que neguinha abusada", então, assim, eu acho que isso foi determinante e eu cheguei a universidade eu já sabia dos caminhos, eu queria fazer movimento estudantil, já fui procurar o centro acadêmico, depois o DCE que é o diretório central dos estudantes, já fui me enfurnando em tudo já. E quando eu entrei na UFRJ para fazer História, eu já sabia o que eu queria fazer, mestrado, doutorado, pós doutorado, não sabia se eu ia conseguir, mas eu sabia que eu queria fazer. Então, assim, eu já fui logo procurando os caminhos dos laboratórios de pesquisa, foi quando eu conheci o Flávio Gomes, também, já tinham me dito que tinha um professor negro lá, e eu achava que isso, enfim, eu fui procura-lo e ele me acolheu de primeira, assim, foi a primeira pessoa que me levou no Arquivo [Nacional], me levou na Biblioteca Nacional para ver como mexia em microfilme, toda vez que eu boto um rolo de microfilme na Biblioteca Nacional me vem a imagem do Flávio na cabeça. E ele era, o Flávio para mim até hoje é o cara, eu falo, "gente, esse cara tem pesquisa sobre tudo, todo assunto que eu falo com ele, ele sabe", então ele foi fundamental, porque eu acho que a militância também tem isso, eu não sou de... Eu não estou em nenhum movimento social organizado, mas hoje eu entendo, eu falo que eu faço um ativismo acadêmico, eu entendo a

minha atividade professoral como um ativismo, porque a gente que é professora trabalha... isso é muito criticado, na História principalmente, a coisa da transmissão dos conteúdos, então a gente trabalha construindo saberes. E eu acho que quando eu estou construindo saberes com meus alunos, valorizando o que eles trazem de fora também e escutando as histórias deles e mediando com as minhas, é uma forma de ativismo, quando um aluno meu conta uma piada, faz um comentário racista ou machista ou classista e eu intervenho eu estou fazendo um ativismo ali, quando eu escrevo uma tese sendo uma mulher negra brasileira sobre pós abolição dos afro americanos eu acho que eu estou fazendo um ativismo, então eu penso muito o ativismo dentro dessa... Hoje eu me defino como uma feminista negra autônoma e ativista acadêmica, eu vejo toda a minha atividade na academia e eu entendo como uma militância.

**SC: É interessante que você mencionou Flávio Gomes da UFRJ como sua grande referência que introduziu você à História e à pesquisa, mas quando você foi fazer mestrado você escolheu uma feminista para fazer sua... Para ser sua orientadora, a Rachel Soihet, não foi? Eu queria então que fechássemos a entrevista falando... porque é interessante, eu estou puxando o assunto mulher e vocês falam que não é possível para vocês separar, ou não querem separar o fato de estudar e ter consciência de gênero do fato da situação do negro na sociedade brasileira, estão entendendo? Então vamos falar um pouco sobre essas escolhas de vocês duas, você começou um pouco a falar sobre sua atuação no movimento local, e depois dentro da universidade, onde você teve contato com feministas um pouco mais velhas que você, que já estavam dentro do movimento negro e questionando a liderança masculina que não abria espaço para a mulher. Então pode falar um pouco mais sobre como você entende a sua atuação dentro do movimento em termos do feminismo. Você se considera feminista?**

EV: Me considero feminista.

**SC: O que é feminismo e como você vê a sua atuação dentro do movimento feminista, e depois eu vou perguntar como que isso forma parte da história do feminismo no Brasil a seu ver?**

EV: Nossa.

GX: É uma tese.

EV: É como eu falei, no movimento popular - que na época se chamava de movimento popular, eu chamei de bairro porque esse movimento popular era muito... A gente atuava muito no entorno, por exemplo, o movimento de favelas, que tem preocupação com as favelas, da Baixada, que atua na Baixada e tal, aí eu entro na universidade e é uma coisa mais ampla, o que foi essa coisa mais ampla para mim? Não foi o movimento de classes, foi a questão racial. Aí eu conheci Lélia Gonzalez, a primeira vez que eu vi Lélia Gonzalez foi dentro da universidade como professora, porque ela deu aula no IFCS.



### **SC: Então você foi aluna dela?**

EV: Não, não cheguei a ser aluna dela porque ela saiu logo nos meus primeiros períodos. Ela dava aula de Ciência Política, e Ciência Política e Antropologia, Sociologia, era já no final, no final a gente estudava os clássicos, e tal, e Lélia dava aula de Ciência Política, era uma específica, mas ela não ficou muito tempo, porque ela era boia fria da educação. Minha história é cheia desses adendos porque eu estou inserida dentro da história do Brasil. Tinha tido o 477, que é dos alunos, o 478, ou 79, que é dos professores, tinham esvaziado com a universidade, acabado com a universidade. Tinham mutilado, 1968, 1967, 1969 e foi uma mutilação, cortar a cabeça da universidade. Então ficou uma defasagem de muitos professores, aí a universidade tinha perdido sua autonomia, não tinha concurso, os militares não faziam concurso na universidade, não podia, aí eram os professores que iam dar aula sem direito a nada, e eram chamados de "boia fria da educação", eles não tinham direitos, e Lélia foi uma das boias frias de educação, dava aula sem vínculo nenhum com a universidade, tinha que dar aula porque a universidade não podia parar, mas é aquela coisa, tem um ditado que diz o pobre cai de pé quebrado. E ali eu tive contato com o movimento negro e tal, porque houve um evento de que Lélia participou, aí essa possibilidade de troca que eu tive com a Giovana eu tive com Lélia num evento de racismo dentro da universidade. E aí eu fui, muitos anos militando no movimento, e aí nesse movimento há um momento, vamos botar assim, de rebelião das mulheres negras. Porque dentro dos movimentos que hoje a gente fala movimento misto, militância mista, que é você estar dentro da entidade, atuando em todos os sentidos, era só embate, claro que os homens, ninguém tira assim: "agora é minha vez, sai fora, sou eu que vou falar, me dá o poder, eu vou ser secretária", não é. Vê a história do IPCN, quantas mulheres foram presidentes? Só em uma época de intervenção. O IPCN é Instituto de Pesquisa da Cultura Negra, uma entidade, assim, dessa contemporaneidade é a mais antiga, o IPCN. Porque sempre existiu movimento negro, depois na história a gente lá aquele clube de negros e tal, porque não podia se falar em política, então se arranjou alguma coisa. E há um marco no movimento quanto à sua reorganização enquanto assumidamente movimento político, assumidamente para fora e para dentro, porque as pessoas achavam mesmo que estavam lá no departamento feminino, cuidando da cultura, da criança, do menor abandonado, não dava-se o nome de política. Há um rompimento, e aí eu participo da fundação do N'Zinga, coletivo de mulheres negras.

### **SC: Isso foi quando?**

EV: Em 83. E é a fundação do movimento, como Sueli Carneiro diz, nós feministas, nós, as estudiosas negras, isso foi o primeiro grupo feminista negro no Brasil, que é de fato assumidamente feminista.

### **SC: Aqui no Rio.**

EV: Aqui no Rio e no Brasil, que tinha como tarefa o combate ao racismo e o sexismo. Os outros não, não tinham essa característica, assim, de parar para pensar o que é o machismo e o que é o sexismo, que na verdade quando eu comecei como militante a pensar e atuar a palavra sexismo que era uma coisa, uma palavra, um conceito que Lélia trabalhava conosco. Foi assim que eu fui para o movimento feminista e me considero feminista. No começo não, a gente não sabia, tanto que agora é que se diz que o N'Zinga era feminista. Lélia que se dizia feminista, mas a gente não achava que era feminista, a gente era do movimento de mulheres, porque o movimento feminino também está preocupado com a bica d'água ou a falta de luz, isso não há mulher preta que não possa deixar de falar sobre isso. A Giovana está dando aula agora na universidade e ela não pode deixar de ver as dificuldades dos alunos que eles trazem para ela, não adianta não, está morando não sei onde, está com filho, outra estrutura, como ela fala, de uma ascensão social e política porque é jogado na cara dela toda hora, ela tem que... Não dá. Então uma mulher negra não dá para ela... com essa discussão, foi assim que a gente começou a construir o feminismo que é o feminismo negro, eu não posso falar do meu corpo porque a nossa discussão é a bica d'água. Por que eu estou falando isso aqui? Porque a gente participou de reuniões em apartamentos, eu não estou aqui na Avenida Atlântica? Quando a gente ia ter reuniões com as mulheres - que eram do movimento de mulheres e que muito depois se auto declararam feministas,

GX: As brancas.

EV: O feminismo chegou aqui no Brasil e, "ah, sou feminista"? Não, isso era coisa de mal amada, foi uma demanda política, uma luta política intensa para você se assumir como feminista. Então quando a gente vai encontrar com essas mulheres que faziam o movimento de mulheres, eu não gosto de citar nomes porque você acaba omitindo um ou outro e fica ruim, mas agora eu posso falar, por exemplo, de Rose Marie Muraro, que faleceu recentemente e deu uma entrevista muito linda sobre Lélia, a militância e tal. Mas quando a gente veio, era assim, Avenida Atlântica, faço assim vejo o mar. Então, aí a gente muitas das vezes ia para essa reunião e vinha uma pretinha servindo água na bandeja, aquilo dava... Aquilo era o retrato da gente, aquilo, me lembro uma vez que a gente foi a uma reunião lá, não vou dizer nem o nome da pessoa, lá na Fonte da Saudade, a gente via assim a Lagoa, uma coisa linda, essa sala aqui é minúscula, o apartamento dessa pessoa, o irmão dela tem uma ilha, imagina... E aí a gente estava nessa reunião, e aquela coisa que... não era à toa que nosso país sempre falavam "seja educado, fale baixo, você é muito assim, pretinha, fecha essas pernas!", era assim, "olha essa mão!". Agora a gente vê um monte de vídeos, naquele youtube, que abre o mundo, você vê os negros e as negras dançando, é uma coisa da minha cultura, e mamãe falava assim, mas minha mãe era uma baiana, imagine. Olha, minha mãe botava a mão nas cadeiras e fazia isso, eu tenho essa coisa assim também, sabe, isso a gente está perdendo, só que quando você vê um ato falho você faz também, qualquer negro faz isso na hora.

GX: Eu faço, vê sexta feira? Eu sou boa nisso.

EV: Pois é, a gente faz, eu falo também, ontem meu colega estava dizendo, o corpo fala, porque é a comunicação, é a forma de comunicação... Você vê que agora, eu com estudo e tal, tenho uma certa intensidade, eu quando falei da burguesia na verdade eu sou uma testemunha, como eu sou uma testemunha da história, vem a palavra, e a gente tem que fazer um parêntese. Porque hoje não se fala, eu sei que não se fala mais, ainda se fala, mas não no tom que se fala no passado. Aí - porque eu vou falar de um barraco -, na sala a gente estava assim, todas sentadas e tal, e aí era uma campanha sobre a liberação do corpo, meu corpo me pertence. Perfeito, a gente entende e tal. Jurema estava numa dessas.

**SC: Para entender, assim, quantas pessoas estavam entre elas?**

EV: Acho que a gente devia ser umas trinta.

**SC: Trinta, e era muito dividido entre as feministas brancas e as mulheres negras, era marcante?**

EV: Ah sim era, muito marcante, porque aí a gente teve o N'Zinga e aí logo depois também veio o CEMUFP, que é Centro de Mulheres de Favelas e Periferia, porque ali pessoal disse que tinha muita, quer dizer, Lélia, uma professora universitária, outra casada com holandês, tinha sido torturada, uma mulher negra torturada, veio para o Brasil, não adianta, aquela coisa do seu o aluno preto e tal... Na verdade a gente não estava atrás da militância não, a militância não tem jeito, não tem jeito. Mira, que estudou na Europa e não sei o que, mas tinha mulher de favela, tinha mulher da Baixada e tal. Mas aí para dar conta dessa coisa - porque eu já não brigava mais, eu morava em Nilópolis e minha questão não era bica d'água, era falta d'água, no morro não tinha água, tinha que botar uma bica para ter água na bica e as pessoas carregarem a água e botar na cabeça e levar para sua casa, não tinha nem isso, e a gente ia lá e caía água uma vez por semana, para você ver, era a mesma coisa, e acaba que a bica d'água... Eu sou do tempo ainda que a favela tinha comissão de luz porque a Light não dava, só vivia caindo, elas não davam com força, aí tinha que ter uma comissão, tantas horas-luz, tinha que ter para aquele lado, então tinha um grupo de moradores para administrar a luz, porque o estado para esse povo, para a Baixada, a gente que se vire lá. Se vai chegar é um pouco de água e tal, tinha cisterna, poço, a Baixada tem isso, no morro não dá. Então, estão essas mulheres todas, e isso tudo, e eu nesse apartamento fantástico.

GX: Que cena.

EV: Olha, realmente era. Eu não me lembro o que foi, aí a gente na verdade a gente queria que... porque as pessoas são democráticas, até tentam, você está nesse puta apartamento, só usando essa expressão, para discutir, mas isso não quer dizer que não vai botar lá no seu papelzinho uma linha sobre tal, porque a gente está discutindo a coisa da redemocratização, quais eram as coisas importantes no Brasil e não sei o que. Aí as mulheres falando de liberdade sexual, de se liberar, eu não sei, eu acho que eu já tinha... Sabe que eu não estou me lembrando se nesse período ainda a mulher para fazer compras tinha que ter assinatura do marido, mesmo ela trabalhando fora? Eu não me lembro dessa

lei, se quando a gente fez esse debate a gente ainda discutia, porque depois disso eu não fui mais, eu não vou mais discutir com as brancas. Aí eu acho que foi Jurema ou Adécia que fez uma fala sobre isso, "porque olha só, tudo bem, tudo o mais, a gente tem que discutir a questão, o trabalho, a gente precisa ter creche e tal, melhorar as condições de vida e tal na favela, não tem água, não tem isso, não sei o que", e o povo da Baixada, para falar da Baixada às vezes eu era a única da Baixada, porque vim da Baixada para cá. Ah, menina, aí teve uma rodada de água, quando a gente estava falando um negócio desses, vem a dona com a bandeja, a pretinha... Quando eu digo assim, "eu vou fazer compras", digo "eu vou de cozinheiro porque "nego" vai achar que eu estou com dinheiro", mas como hoje "nego" está te matando por dez reais então não faz diferença. Menina, a dona servindo a água, aquilo foi o pavio, assim, e a gente começou a se olhar... Menina, e aí é uma coisa que se as pessoas veem, nem olham, a gente constrangida, porque eu me senti envergonhada de estar ali naquele lugar discutindo esses temas e vem lá uma escravinha. E aí e dona serviu a água, e não sei quem colocou um negócio mal colocado que ali nós não estávamos para discutir aquilo, que era para discutir, a gente não entendia que a gente estava discutindo as liberdades democráticas e a gente não sabia o que era repressão, polícia matando, cadáver, eu já saí da minha casa passando na rua com o cadáver de um menino que tinha falado... Olha, só não saiu briga, mas foi um debate, quando a gente abriu a boca a gente calou todas elas. Aí fica vermelha, e as outras achando que a outra tinha errado na fala dela. Aí depois, eu falei: "não vou mais, não adianta chamar para esses lugares", aí a Lélia... É o que eu tenho falado para ela, eu estava conversando com Giovana, aí aguça a historiadora, eu falando que foi a primeira vez organizadamente que um grupo de mulheres com determinado tema, no caso foram as vadias [da Marcha das Vadias], se encontraram para discutir a temática racial, que eu falei...

GX: A gente conversou esses dias por causa da roda de conversa, você foi na sexta que a gente organizou, é.

**SC: Essa roda que foi na semana passada e que estamos fazendo agora o vínculo aí entre esse grupo que foi em mil, novecentos e oitenta e pouco...**

EV: Oitenta e quatro, oitenta e cinco.

**SC: Da constituinte.**

EV: É, da constituinte, a discussão da constituinte, que teoricamente não cabe na constituição de fato você dizer que tem que ter infraestrutura, creche, não cabe, teoricamente não cabe, apesar de que tem lá, as empresas com xis, não adiantou nada, que isso é resultado do nosso trabalho, cada empresa a partir de quinhentos funcionários tem que ter creche... Isso é letra, porque no meu país está assim: pega, não pega. Essa é uma lei que não pega, então a gente estava discutindo isso, mas eu dizia, para discutir uma especificidade, uma questão da mulher negra foi a primeira vez, eu falei, Giovana, eu acho que é a primeira vez, que isso pode ter acontecido, aí quando foi lá muitas colocaram essa... Como a gente chama quando uma coisa é a primeira vez?

GX: Pioneira.

EV: Pioneira, olha, 2014, é mole?

GX: Quase trinta anos.

EV: Rolando esse barraco desse não diálogo. Que é um não diálogo, porque muitas das vezes o que acontece?

GX: É um diálogo assimétrico.

EV: Quando a gente senta com mulheres feministas, anti racistas, de partido, e tal e não sei o que, aí você faz um rol de reivindicação, você não constitui um documento ou uma plataforma em que essas questões estejam dentro de uma lógica, dentro de uma racionalidade e tal. No meu país a gente ainda não conseguiu isso, e até hoje as mulheres, mulher trabalhando nessas atividades produtivas, o ser mulher não tem a menor... Você não tem esse... O país não reconhece, nós somos mais de 50%, das mulheres da economia do nosso país, mas não tem, não é uma coisa paternalista, que é considerado uma coisa paternalista, essa coisa de ter creche, essa coisa de respeitar, hoje a gente fala a coisa do tpm, mas as sua singularidade, a gente falava, não era nem singularidade, era uma outra coisa, era especificidade da mulher, da necessidade da creche, para ela ter tranquilidade para trabalhar, não sei o quê.

GX: Para poder produzir melhor.

EV: Para poder produzir, não tinha esse conceito, gênero a gente sabe que é recente, esse conceito para dar conta que não é um problema das mulheres, para dar conta da nação, entre homens e mulheres, essa relação na sociedade. Então, às vezes, por exemplo, assim, Giovana me dá muito a oportunidade, porque eu estou em um período muito, como é que eu vou dizer, não é ruim, mas de reflexão, aquela coisa, eu não tive nenhum problema dos quarenta, dos cinquenta, mas dos sessenta eu tenho depois, uma reflexão, assim "eu estou com sessenta anos, hipertensa", aí eu fico lembrando de Lélia que não chegou a essa altura, Beatriz muito menos, e outras.

SC: Morreu com quantos anos?

EV: Lélia com 59, Beatriz com 52.

GX: Beatriz Nascimento.

EV: Em defesa de uma mulher, eu tenho que falar o nome delas, aí Jorgina, que é o nome da minha mãe, e meu pai Osvaldo que eu não falei pai e mãe, que é bom. Minha mãe Jorgina, assim, a referência que eu tenho dela e a mãe dela, minha avó Almerinda, essas mulheres

negras, é isso, mulheres negras sustentar quando seu marido fica desempregado que ela vai vender empada, vai lavar roupa para fora e dar força para o cara, entendeu? Meu pai não bebe, mas eu conheço casos de mulheres negras aturarem o alcoolismo, que o homem se sente derrotado, é uma coisa.

GX: E não perdeu os filhos para o crime, geralmente morando em bairros pobres, tendo que trabalhar fora e deixar as crianças.

EV: Aquela que ainda tem um marido dentro de casa ou então como muitas dizem "aquela coisa", que o filho ou a filha vai ser criada desse jeito, isso também é outra coisa que causa um dano terrível. Aí você vai para a Baixada, para os bairros do subúrbio, não sei o que, os bares, que são os botequins cheios, que aí o cara trabalha e o domingo que ele tem com a família ele vai tomar a cervejinha dele, ele não quer perturbação, mas a mulher negra tem que fazer a comida, não sei o que, às vezes é aquele período que tem que fazer faxina na casa, de arrumar, de ver as roupas dos filhos.

GX: Preparar para a semana.

EV: Para a semana, e aí você vai encontrar o que, uma mãe, uma mulher estressada, cansada. Acabou isso? Permanece, ainda tem muito disso, muito disso.

**SC: E você Giovana, você está concordando, mas você vê uma diferença entre a sua percepção de feminismo e da sua escolha de entrar nessa área acadêmica e na sua militância de especificamente focalizar questões do gênero da mulher negra?**

GX: Eu acho que feminismo, você estava até me perguntando, que eu fui da UFRJ para a UFF, do Flávio para a Rachel, e o Flavio, por sinal, foi o meu grande incentivador, porque na época eu já estava desenvolvendo pesquisas sobre imagem das mulheres negras na literatura brasileira, que foi o meu mestrado, que eu trabalhei com história e literatura. E assim, o Flávio falou, "olha, você, pela pesquisa que você está fazendo, por quem você é, vai ser muito bom para você ter oportunidade de continuar sua vida acadêmica como uma historiadora feminista, vai ser muito importante". Então, assim, ele foi meu grande incentivador também nisso, ele não ficou, "não, você tem que ficar comigo porque eu que te fiz", que a gente sabe que isso rola também na academia. Então eu cheguei lá na UFF com a Rachel Soihet, que a essa altura eu também já conhecia de nome, de ter lido, uma grande, incrível feminista, acho ela maravilhosa, e aí virei orientanda dela, e foi incrível porque ela com toda a generosidade, a humildade, o brilhantismo dela ela falou: "olha eu vou aprender com você, porque eu conheço muito pouco de feminismo negro". E assim, na verdade assim, a minha tese não era nenhum trabalho sobre o feminismo negro, porque eu estava estudando imagem das mulheres na literatura do século XIX, com literatura como fonte histórica, mas eu imprimi no trabalho um cunho feminista quando, através da leitura dos documentos, eu fui tentando ler as entrelinhas e perceber possibilidades de agência dentro dessas personagens também. Então por isso também cruzei um pouco a documentação com processo criminais, não fiquei só na literatura. E eu acho que, assim, a Rachel foi uma

grande inspiração para isso, eu acho que ela me estimulou muito e foi fundamental, o mestrado foi fundamental assim para eu me compreender, sei lá, me consolidar não sei, eu não gosto dessa palavra, mas me formar como uma.

EV: Historiadora.

GX: Como uma historiadora das mulheres negras, uma historiadora feminista negra. E aí eu digo feminista negra porque eu já estava muito crítica àquela discussão antiga que a gente tem na historiografia, da diferença entre história das mulheres e história das relações de gênero. Então já estava totalmente baseada na história das relações de gênero, porque eu queria estudar as desigualdades, e o que me fez querer estudar as desigualdades não foi o fato de ser mulher ou o fato de ser negra, foi o fato de ser mulher negra, por isso eu não consigo entender um feminismo que não seja interseccional. O feminismo para mim ele é, essa palavra é muito ruim, sobretudo para discutir gênero, mas ele é naturalmente interseccional no meu entendimento. Então eu acho que isso foi fundamental para esse desabrochar mais formal assim de me entender como uma feminista negra. E de lá para cá, tudo que eu tenho feito em termos de pesquisa, pensando nessa coisa de um ativismo acadêmico, tem sido dentro dessa perspectiva de um feminismo negro. Então eu penso muito que o feminismo, ao menos para mim, ele tem a ver com posicionalidade, tem a ver com estilo de vida, é um estilo de vida no qual você procura estratégias para lidar com as opressões. Então assim, eu não acho que o feminismo é a luta das mulheres por uma igualdade em relação aos homens, eu acho que essa é uma definição muito simplificada, muito reducionista do que é ser feminista. Eu acho que o ser feminista, e para mim o ser feminista negra, que eu acho que é indissociável, não é?

EV: É.

GX: E nós que somos negros temos sempre que estar adjetivando o negro, porque a norma é a branquidade. Então eu acho que esse ser feminista negra, quando eu falo em posicionalidade, tem a ver com os caminhos que você escolhe também para não aceitar a desigualdade, para criticar, para produzir reflexões e ações críticas frente às desigualdades que se colocam para você diariamente. E eu acho que o legado do feminismo, especialmente do feminismo negro para essa luta contra as desigualdades é muito grande. Então eu acho que o movimento feminista negro é sobretudo um movimento de humanização, de luta pelo reconhecimento, de luta pelos processos de humanização dos sujeitos, eu vejo muito dessa forma. E aí quando a gente fala em humanização entra tudo, respeitar os saberes da mulher que não tem a bica na sua comunidade, até os saberes de uma mulher hoje como eu, uma professora negra que está fazendo livro, que está fazendo tese, que está orientando pessoas. Porque você vê, a gente está sentada aqui com um gap de vinte e poucos anos de entrada na universidade, e como que as nossas histórias se cruzam, como que várias vezes o meu silêncio foi por concordar plenamente com que ela estava dizendo e vice e versa. Então eu acho que a gente tem... Eu gosto muito do Du Bois, que é aquela coisa que ele fala que a raça negra tem uma mensagem, eu acho que para a humanidade. Eu acho que nós mulheres negras, nas nossas diversidades aí, que extrapolam o Atlântico Negro, eu acho

que a gente tem essa mensagem da humanização, e de uma luta diária articulando o público e o privado, a gente é muito boa nisso.

EV: Dá licença para eu só falar aí.

GX: Então eu acho que para mim, só fechando o que eu estou pensando, eu acho que o feminismo negro tem a ver com essa coisa de reivindicar uma humanização pelo saber, pelo respeito, pela dignidade, que eu acho que são categorias que para gente são muito caras. Você vê, a gente estava discutindo a impossibilidade de a gente se chamar de vadia, a impossibilidade histórica, pensando na “Marcha das Vadias” e da não adesão das mulheres negras. Então eu acho que a respeitabilidade para gente hoje, tirando todo o conservadorismo que eu sei que tem embutido nessa categoria, mas ainda assim, para a gente, falar em respeito e honra tem um quê transgressor, porque a gente está falando de um passado histórico em que essas categorias foram negadas. Então eu acho que ainda hoje quando a gente pensa em permanências, essa permanece sendo uma permanência. Então eu acho que o feminismo negro para mim está ligado a esse tipo de como eu me posiciono no mundo, como uma mulher negra, e que histórias eu posso contar. Eu gosto muito da nigeriana Chimamanda Adichie, quando ela fala “que muitas histórias importam”. Então eu acho que o feminismo negro para mim é um pouco isso, são as muitas histórias que importam, e como essas muitas histórias que importam contadas e feitas por mulheres, e em especial por mulheres negras podem fazer toda a diferença, então eu vejo muito dessa maneira.

EV: Eu queria falar duas coisas. Da humanização, quando ela estava falando muito bem dessa coisa da humanização, que é isso, o ser humano que tem mim e em você que seja respeitado, e que a gente tem muito o que ensinar, que ensinar, que trocar, dar... Aí na mesma hora me reportei a uma coisa que eu ouvi ela falar e você vê... A maioria dos negros, que há sempre essa história "olha o braço, olha a coisa, isso", mesmo que as nossas mães, nossos pais, nossas tias, nossas avós façam isso, e elas fazem, é porque na verdade... muitas vezes a minha mãe: "não porque você, olha, Betinha você eu sei, se você casar eu não vou morar com você, perto de você, porque vai voar panela todo o dia, e quando você estiver trabalhando lá com os brancos lá, você vai jogar tudo em cima", minha mãe achava que era muito briguenta sempre, ela achava que era uma menina inteligente e briguenta, então ela achava que eu tinha que ser uma menina bem comportada, uma coisa assim. E não consegue, por que não consegue? Porque tem que experimentar, porque quando ela diz sobre essa experiência que a gente pode passar para os não brancos, essa vivência, essa humanidade, tem uma coisa interna na gente que é possível, por que não, por que a gente não pode ser o que é, falar, cantar, por que a gente não pode ter essa... ? O meu corpo me pertence, mas eu me lembro, a gente discutia, porque a gente dizia assim, quer ver mais uma mulata sambando, um cara num pandeiro, a gente fala disso como uma expressividade, não é dizer, porque como Lélia Gonzalez diz muito bem, “aquela mulata”, eu estou usando a palavra que é usada, você sabe o que significa mulata, não preciso traduzir, mas é uma mulher negra, quer dizer, aquela mulata ali que está sambando, toda poderosa, uma rainha, uma princesa, como ela coloca nos textos dela, é a mesma que veio



servir a água, sabe? O cara que é o policial, o cara que está lá no carro, o cara que está varrendo rua, não sei o que, é o mesmo que está dançando com aquela leveza com a porta-bandeira. A gente não abre mão disso, porque isso é uma dignidade, é uma coisa que é marcada, e que a gente vê, entendeu, quando você vê a gente está sambando, mas a gente não é assim. Porque se você botar uma negra criando, ela não sabe, para você sambar você tem que soltar o corpo, isso a gente aprende dentro de casa. E umas das coisas, assim como para Giovana foi bom, ela e Flávio acharam, ela continuar os estudos dela, fazer, escrever, dissertar, colocar as suas ideias, aqueles turbilhões organizados, que muitas coisas ficam fora, quando a gente escreve...

GX: Sim.

EV: Qualquer um de nós, você vai pegar um décimo, eu tenho metade.

### **SC: E quando fala também.**

EV: É. Para mim foi importante o homem, porque todos nós temos a questão aquela do essencialismo, passou pelo fio da navalha, ainda bem que com homem...

GX: Da navalha.

EV: Lembra que no começo eu achei ruim, eu achava, mas depois a Giovana teve, olha, "eu estou achando muito bom estar discutindo com um homem porque você também tem me estimulado e tal", lembra? Porque ele às vezes tinha coisas, algumas coisas assim, a gente dizia "ah, porque nós mulheres..."

GX: Eu acho que também assim, muito uma coisa de... pensando agora... essa entrevista está me fazendo reviver várias coisas, pensando na relação com o Flávio, eu acho que ele trouxe uma coisa muito interessante, porque nós, mulheres negras, o preço dessa hipersexualização dos nossos corpos, então assim, você introjeta a impossibilidade de se ver na condição de uma intelectual, de alguém que desenvolve trabalho acadêmico. E eu acho que para mim, é interessante você estar falando que foi um homem porque realmente o Flávio foi um cara que de um jeito muito mais complexo virou para mim e falou "olha, você pode ser muito mais do que a Rainha de Bateria da Portela, sabe, vem comigo que eu vou te mostrar". Então eu acho que isso foi muito marcante, eu acho que assim, por isso essa coisa da rede para gente também é muito cara, construir uma rede de interlocutores negros e negras, muitas vezes a gente faz... aqui no Brasil nem tanto, mas é muito comum fazer trabalhos só com autores e autoras negras para fortalecer a rede e tal, e eu acho que isso foi fundamental. Você em um dado momento, imagina, eu já sou professora, doutora, com pós-doutorado na UFRJ, e o quanto quando eu estava lá na escola e que os meus "amigos" ficavam falando que eu não podia ser fotografada porque eu ia manchar a foto, o quanto que era incompatível me imaginar nesse lugar. E é uma experiência muito interessante, porque, bom, o ser humano é cheio de contradição, então hoje em dia eu encontro vários desses meus amigos brancos que estão numas situações assim lamentáveis

que não ascenderam, que não saíram do lugar literalmente, que continuam ali naquele mesmo lugar. E aí quando eu falo, "ah, o que você faz?", "então, eu sou professora na UFRJ". "Você?!" E aí eu sou abusada, não é, então agora eu falo "ué, por quê? Preto também dá aula". E aí fica aquela situação, aquele constrangimento por alguns segundos. Então eu acho que o feminismo também tem isso, o feminismo negro em especial, te mostrar que você pode escolher, a coisa da posicionalidade, você pode escolher o lugar onde você quer estar, não é uma livre escolha fácil, eu quero azul ou rosa, não é isso, mas assim, você tem as ferramentas para construir, você tem a tua caixa de ferramentas para construir o teu caminho, então eu acho que isso é uma dimensão importante também, não é Beth?

EV: É claro, fundamental. Quando eu escrevi o "Lugar de Negro", que na verdade a sociedade diz qual é o lugar dos negros, nas cozinhas, não sei o que, é uma fala, uma escrita muito interessante, importante, porque na verdade a gente cria um movimento, mas começa com isso, que a gente era isso e isso, graças a Deus eu peguei a trajetória tal, aí a gente só fala "não, abaixo isso, não quero isso, não quero aquilo", que é também a questão do movimento político. O que queremos? Isso ajuda muito você a formular qual é a melhor? Eu posso dizer. Então para mim, assim, é muito importante, ontem eu estava dizendo lugar de negro, tem lugar de negro, e onde ele quer estar.

GX: Exatamente.

EV: Aí saber fazer as escolhas certas, isso para mim...

**SC: Uma última pergunta para fechar.**

GX: É que a gente fala muito.

EV: É.

**SC: O feminismo, o movimento negro, a militância é para sempre tentar chegar lá?**

EV: Em algum lugar.

**SC: Vocês estão vendo o Brasil desde a época de que você está falando, 1978, início dos anos 80, final da ditadura militar até hoje, vocês acham que estamos chegando lá, ainda muito longe ou já percorreu grande parte do caminho ou uma parte significativa do caminho?**

GX: Eu acho que a gente percorreu uma parte importante, mas é difícil isso de chegar lá, porque quando a gente vai percorrendo, o nosso desejo do destino final também vai mudando, vai aumentando. Então, por exemplo, eu hoje quando eu chego na universidade para dar aula, a primeira coisa que eu faço é ver quantos alunos negros tem na minha turma, já é natural assim. Então assim, hoje eu já demoro um tempinho para contar, não é só mais um ou dois, tem cinco, tem seis, esse semestre eu tive uma turma de 50 alunos,

tinha uns 15, uns 18, então demorei um tempinho para contar. Então, pensando em quando eu estava estudando, quando eu era da graduação, que a gente contava dois, três, quatro, no máximo, eu estou pensando: "ok". Mas por outro lado, é de mão dupla, porque quase sempre quando você vê alguém na rua numa situação de vulnerabilidade pedindo dinheiro, usando drogas, via de regra aqui no Rio de Janeiro em especial, quase sempre são pessoas negras.

EV: Quase 100%.

GX: Então assim, eu acho que a gente conseguiu especialmente no campo da educação, não é Beth?

EV: É.

GX: Eu acho que a gente tem conseguido conquistas significativas, mas eu acho que ainda tem muita coisa a ser feita, muita coisa mesmo.

EV: Eu fiquei nessa última reunião impactada quando voltou-se a falar de revolução, revolução mesmo. Há muito tempo não se falava assim, com uma certa satisfação, principalmente com esses mais jovens que chegam e têm que encarar isso, por exemplo assim, para a Giovana eu gostei, que ela fez essa leitura, mas de repente dizer "ai meu Deus, daqui a vinte anos eu vou estar aqui, ela aqui, a gente dizendo, mensurando isso", enquanto a gente estiver mensurando, a luta vai aumentar. O que eu percebo, uma coisa que a gente não pode deixar, é que tem aumentado a complexidade na temática racial no Brasil.

GX: Sim.

EV: Tem aumentado, tem aprofundado.

**SC: E também do gênero.**

GX: Do gênero.

EV: A gente pode dizer assim que até já tem uma reação clara, porque muitos dizem: "querem fazer uns Estados Unidos e tal", Quando a gente vai e entra na universidade e está na universidade, e os estudos, e se a gente começar, por exemplo, na comparativa, nos Estados Unidos quando houve abolição da escravatura, as condições gerais do povo negro no Brasil eram melhores do que o Estados Unidos. E isso é duro, mas por outro lado a história mostra que precisou haver intervenção...

GX: Eu não sei se melhor é a melhor palavra...

EV: Como assim?

GX: Que a condição dos negros aqui no Brasil era melhor.

EV: Era, tinha assim, eu esqueci aquele autor americano que fez esse estudo comparativo, que mostrou... Qual?

**SC: Carl Degler.**

EV: Eu acho que é, tem um estudo comparativo entre o Brasil e os Estados Unidos, que o cara no período, pré-emancipação, emancipação americana nos Estados Unidos, que o Brasil já tinha... Por exemplo, você tinha uma imprensa negra consistente no século passado, que você não tem hoje. No mundo você não tem uma imprensa negra, e no período colonial houve. A democracia racial e tal, há hoje claramente uma resistência que a gente não se diz que é um racismo, mas tem brancos, não negros que veem essa reação contra as cotas, não sei o que, não sei o que - não que as cotas sejam a solução, ninguém acha que seja a solução -, mas essa reação aflorou um racismo que muitos denunciam que são uma posição racista, não só os negros. Então isso é um avanço, é um processo histórico, porque se eu for querer mensurar tal qual você formulou a sua pergunta, aparentemente eu posso ter entendido errado, eu vou ficar paralisada, entendeu? Essa paralisação vai acabar até atingindo uma menina mais nova do que eu, entendeu? Porque se a gente aí entra num presídio, vê a mortalidade da juventude negra, que a gente ainda usa a palavra "genocídio do povo negro", ainda é dito desta forma, porque você não é só um discurso, você tem dados estatísticos que comprovam.

GX: É processual, assim, mortalidade materna no Serviço Único de Saúde, não atendimento, violência doméstica...

EV: Mas aí, por outro lado há não só - ela está falando do campo dela, que é dentro da universidade, dentro da sala de aula -, eu posso falar da Câmara, que já teve uma bancada assumidamente levantando a questão racial, mas já tem agora alguns, por exemplo, os próximos vereadores não podem dizer que não são negros, e aí dizer, não vai ouvir como Lélia e outros ouviram quando procuraram um parlamentar por ele ser negro, eram senadores assim: "é, o problema de vocês...", aí Lélia: "o problema da gente é muito grave", e foi levantando porque o cara não se colocava neste lugar. Hoje não, você já vê alguns... Isso a gente sabe que até... isso eu estou falando no coletivo, mas você particularizando, quando um sujeito ou um grupo tem esse reconhecimento, isso é um avanço muito grande, então, na verdade, o estado reconhecer isso já pelo menos dá ânimo para lutar, aí a complexidade, aí vamos resolvendo o que vai se apresentando, a gente vai tentando resolver para... Eu acho assim, se cada um de nós se preocupar, deixar uma trilha que outras pessoas brancas ou negras, porque esse é o nosso sonho, porque na verdade se você pega os primeiros documentos do movimento negro, a gente saía a rua e denunciava o racismo para construir uma verdadeira democracia racial. Incrível você pegar os documentos mais antigos. Aí você pega lá no pré-abolição, querendo educar, precisamos educar o povo negro mesmo, a gente de cor, entendeu, que se achava assim numa situação, era inferior ao branco, mas através da educação a gente poderia alcançar esse nível e tal. Aí

estamos aqui, já tem aí uma doutora, eu sou uma mestre com muita honra, sei que eu não sou doutora porque foi uma opção minha. Eu disse assim, "eu vou terminar doutorado lá? ah, não quero isso não, vou viajar, vou fazer outra coisa, eu não preciso, eu estou aqui, eu estou encostada, dentro da minha profissão eu não vou mais para lugar nenhum, porque eu já estou encostada, a minha vontade era dar aula na universidade, fazer isso que ela está fazendo, vou pegar todo o meu conhecimento agora, que eu tenho uma régua, um compasso lá, tem o aval da academia, ela não me deu lá um papel, que me dizia aí tal", mas aí depois falei "ah, não, eu posso fazer isso por outro lado, e aí eu descubro que para sair do meu emprego, o que eu vou deixar de ganhar onde eu ganho é o que eu vou receber para ser professora universitária, assim particular, eu não vou, jamais eu vou tentar uma carreira a nível federal e ter que trabalhar até 70 anos, isso eu não quero não, ah, não.

GX: Por isso que eu gosto do Candeia, né? Um samba muito bonito do Antonio Candeia Filho que ele fala: "Cante um samba na universidade, e verás que seu filho será um príncipe de verdade. E daí então, jamais tu voltarás ao barracão". Eu acho que resume bem a nossa caminhada.

EV: É.

**SC: Muito obrigada, a gente passou do tempo, mas foi extremamente...**

EV: Vai editar, né?

**SC: Não.**

EV: Ah, não?

**SC: Vai ficar assim mesmo.**

GX: Que chique, eu já estava até deitado.

EV: Aí que ótimo, bom.

**SC: Muito obrigada, obrigada, vou fechar aqui.**

GX: Obrigada você.

